NICARÁGUA / O ex-guerrilheiro sandinista Daniel Ortega aprofunda a concentração de poder ao anunciar o veto à realização de eleições no país da América Central. Líderes da oposição veem método e propósito na erosão da democracia

A escalada ditatorial de "El Comandante"

» RODRIGO CRAVEIRO

Aos 80 anos, o ex-guerrilheiro sandinista Daniel Ortega deu mais um passo na consolidação de seu poder. Blindou o próprio regime e vetou eleições na Nicarágua, em anúncio recente feito durante o 47º aniversário da Revolução Sandinista. "Esqueçam, aqui (na Nicarágua) não haverá mais eleições para que assim tentem tomar o governo", declarou Ortega, durante o ato em Manágua. Mas a escalada autoritária de "El Comandante", há quase duas décadas no comando do país, intensificou-se oito anos atrás, quando reprimiu protestos e lançou à clandestinidade parte da oposição.

A pedido do ditador, o Congresso votará, no começo do próximo mês, uma reforma para impedir que partidos opositores disputem as eleições. O flerte com a autocracia levou a comunidade internacional a condenar, em peso, as manobras políticas de Ortega. A União Europeia instou a Nicarágua a realizar eleições "inclusivas". Volker Turk, alto comissário da ONU para os Direitos Humanos, alertou para "as graves restrições às liberdades fundamentais, o desmantelamento do espaço cívico e a constante erosão do Estado de Direito".

O Brasil demonstrou "preocupação" com o anúncio de Ortega. "A realização de eleições livres, periódicas, plurais e transparentes é um dos esteios da democracia, valor com que o Brasil tem profundo compromisso", afirmou o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, em nota. As relações entre Lula e Ortega sofreram um desgaste depois da expulsão do embaixador Breno de Souza de Manágua por não ter comparecido a uma cerimônia pelo aniversário da Revolução Sandinista. Na ocasião, Brasília lançou mão da reciprocidade diplomática.

Para figuras expoentes da oposição nicaraguense, o endurecimento do regime de Ortega tem método e propósito. "A via eleitoral tinha sido fechada em 2016, quando Ortega destituiu, sem processo e sem fundamento legal, os deputados da oposição. Também impôs a candidatura de sua esposa, Rosario Murillo, para vice, apesar da proibição constitucional, e tornou ilegal a única organização opositora, a aliança encabeçada pelo Partido Liberal Independente", explicou ao **Correio** o ex-deputado e economista Enrique Sáenz, exilado na Costa Rica. "Em outras palavras, Ortega concorreu sem oposição."

Mas foi em 2018 que a cortina se levantou, revelando à comunidade internacional uma ditadura instalada no país. "Ortega sufocou os protestos com sangue e fogo, prendeu, torturou, exilou pessoas, fechou meios de comunicação e organizações da sociedade civil. Em seguida, voltou-se contra a Igreja Católica e as associações empresariais", disse Sáenz, ex-presidente do Movimiento Renovador Sandinista.

De acordo com Sáenz, Ortega adotou um projeto dinástico — a transição com a esposa, Rosario, como vice, e a unção de Laureano Ortega, filho mais velho, como potencial sucessor. "Neste momento, o Estado é um amálgama de interesses mafiosos, políticos e econômicos da família Ortega-Murillo", destacou. O ex-parlamentar lembrou que a Nicarágua havia enfrentado uma dinastia que perdurou por 45 anos no poder: Anastasio Somoza García, Luis Somoza Debayle (filho mais velho) e Anastasio Somoza Debayle (caçula). Este último acabou derrubado por uma insurreição popular em 1979. "Foi o primeiro sinal da determinação de Ortega de aferrar-se ao poder. O segundo sinal foi a retirada da nacionalidade e o cancelamento dos direitos civis e políticos de mais de 450 nicaraguenses que exerciam lideranças política, social, empresarial e religiosa, além de independentes, mulheres, jovens e indígenas."

Fragilidade

Um dos jornalistas mais conhecidos da Nicarágua, Carlos Fernando Chamorro, cuja nacionalidade foi despojada pelo regime, lembrou à reportagem que Ortega anulou as eleições de 2016 e de 2021. "A novidade é que, agora, ele pretende eliminá-las pela via legal. Com isso, Ortega reconhece o fracasso político, pois jamais conseguiu esmagar a oposição, que perseguiu e exilou", disse. "Ortega está colocando a Nicarágua na agenda internacional de 2027, em um momento de máxima fragilidade política. Mas a 'fruta podre' não cairá sem uma estratégia decisiva para sacudir a árvore." Ele adverte que o ditador tentará repetir a farsa eleitoral dos pleitos passados, ao implicar partidos nanicos e colaboracionistas, como o Partido Liberta Constitucionalista (PLC), a Aliança Liberal Nicaraguense (ALN), a Aliança para a República (APRE) e o Partido Liberal Independente (PLI).

A ativista política Yaritzha R. Mairena, integrante do partido político Rota da Mudança, explicou ao **Correio** que a escalada autoritária de Ortega traveste-se de um processo de concentração progressiva de poder, o qual se desenvolve há anos e, agora, entra na fase de institucionalização definitiva. Ela reforça que o regime orteguista avançou por etapas, ao fechar progressivamente os espaços capazes de desafiar, limitar ou colocar em risco o controle sandinista sobre o Estado. Em 2018, Yaritzha ficou sete meses presa sob acusação de terrorismo. Seu crime: liderar protestos estudantis.

Depois daquele ano, a radicalização orteguista alcançou os momentos mais críticos, com a prisão de dirigentes da oposição, a eliminação de organizações políticas e sociais e a consolidação do controle governamental sobre as instituições do Estado. "Hoje, essa escalada entrou em uma fase muito mais perigosa. Ortega parece não pensar em como se manter no poder, mas em como construir um sistema político capaz de sobreviver a ele. Isso começou com as reformas constitucionais finalizadas em 2025, que revelam o desaparecimento da separação entre partido e Estado, a subordinação dos poderes públicos à Presidência, a incorporação da doutrina sandinista à Constituição e, agora, a intenção expressa de fechar definitivamente a competição eleitoral", afirmou Yaritzha.

Na avaliação da ativista, o sinal de deterioração da democracia na Nicarágua ocorreu às vésperas das eleições de 2021, quando o regime deteve os principais presidenciáveis opositores. "Foi uma demonstração inequívoca de que Daniel Ortega não estava disposto a arriscar sua permanência no poder em uma eleição com competição política real. Ante uma cidadania que demonstrou ampla rejeição ao seu projeto autoritário, ele escolheu eliminar os adversários", comentou.

Cesar Perez/El 19 Digital/AFP

Ortega acena ao lado da esposa e vice, Rosario Murillo, durante 47º aniversário da Revolução Sandinista

Eu acho...

Oscar Enrique Navarrete Aguilar

"Ficou claro que Daniel Ortega está muito consciente de que a maioria da população nicaraguense repudia o regime. Por isso, ele não vai correr o risco que enfrentou em 1990, quando foi derrotado por Violeta Barrios de Chamorro. Portanto, tendo ele declarado isso ou não, a realidade é que Ortega nunca planejou realizar eleições em 2027. A questão é apenas que, agora, ele afirmou isso da maneira mais descarada possível."

Enrique Sáenz, *ex-deputado nicaraguense, economista e ex-presidente do Movimiento Renovador Sandinista*

Arquivo pessoal

"A provocação de Ortega à comunidade internacional, ao proclamar seu regime de partido único, visa chamar a atenção para abrir um diálogo e uma negociação que legitime e normalize a sucessão de Rosario Murillo, sob um Estado policial e sem democracia. Pode ser um grave erro de cálculo político: dependerá da reação da oposição; das fissuras internas e da própria crise interna do regime; e de ações da América Central, dos Estados Unidos e da União Europeia (UE)."

Carlos Fernando Chamorro*, diretor da revista independente Confidencial e um dos jornalistas mais conhecidos da Nicarágua*

Arquivo pessoal

"O que estamos presenciando atualmente representa a institucionalização do autoritarismo. Cada reforma fecha uma porta que poderia abrir caminho para uma futura luta pelo poder. A tentativa de acabar com os processos eleitorais constitui mais um passo nessa direção e, provavelmente, um dos mais graves, pois busca eliminar a possibilidade formal de alternância de poder e, com ela, qualquer esperança de um acordo que permita uma abertura nesse sentido."

Yaritzha R. Mairena*, integrante do partido Rota da Mudança, ativista e ex-prisioneira política*

EUROPA

Incêndios forçam a fuga de 260 mil

Fora de controle, as chamas dos maiores incêndios florestais da história da Espanha e os mais intensos a atingirem a França em meio século levaram à retirada de 260 mil pessoas e devastaram Bordeaux, região francesa famosa pelo vinho, e as imediações de Madri. O temor das autoridades concretizou-se, após dois incêndios se unirem, na parte oeste da capital espanhola. As labaredas destruíram 25 mil hectares entre Madri e a província de Ávila.

Na França, há receio de que casas da cidade de Bordeaux sejam atingidas. No departamento de Gionde (sudoeste), 167 mil moradores foram retirados de suas residências; no departamento vizinho de Landes, foram 30 mil.

Em publicação na rede X, o presidente francês, Emmanuel Macron, comentou a tragédia. "Nestes momentos em que as chamas põem à prova o país, a França revela a sua verdadeira natureza: um povo unido, lado a lado. Agradecemos aos bombeiros, militares, forças de segurança, gendarmes e policiais, bem como aos agricultores e empresários que, com empenho e coragem, combatem incansavelmente os incêndios", escreveu. "Nós reconstruiremos e estaremos lá pelo tempo necessário."

Apenas na França 1.400 brigadistas, 1.500 militares e 1.700 membros das forças de segurança trabalham na contenção das chamas. Milhares de macas foram distribuídas por abrigos improvisados.

O primeiro-ministro da Espanha, Pedro Sánchez, também se pronunciou. "Nossa prioridade é proteger vidas, defender núcleos populacionais e combater as chamas. O Estado e as administrações estão coordenando os recursos para uma resposta eficaz", declarou. O governo decretou emergência nacional.

O jornalista espanhol Sergio Yustos Fernández, 31 anos, morador do município de El Tiemblo, na província de Ávila, precisou fugir às pressas após o fogo aproximar-se de sua casa. "O mais difícil foi sair sem saber se voltaríamos a ver o nosso lar como o deixamos. Em momentos assim, você não pensa em bens materiais. Você se agarra à unica coisa que importa de verdade: saber que está bem e sua família, também. Sou casado e temos dois filhos. Isso foi o que ocupava minha mente quando fugimos", relatou ao **Correio**.

"Ver o fogo tão de perto, a fumaça engolindo tudo e as chamas avançando em direção às casas é algo que você nunca esquece. Depois vem a sensação de impotência, porque você não pode fazer nada além de esperar enquanto vê o lugar que você considera seu lar ameaçado", acrescentou Sergio. Por sorte, a casa dele foi poupada pelo fogo. Segundo o jornalista, o incêndio segue ativo. "Está sendo muito duro, porque somente podemos aguardar e ver como tudo evolui."

Moradora do Tennessee (EUA), a romancista americana Rebecca Papin, 47, não conseguiu deixar Biscarrosse, no sudoeste da França, onde tem uma casa de férias. Às 16h de quinta-feira, ela estava na praia com uma amiga quando avistaram fumaça sobre a floresta.

"Minha amiga consultou a internet e me disse que um caminhão tinha se incendiado. Pensei que era fumaça demais para um incidente desse tipo. Fiquei preocupada e quis voltar para minha casa, que fica perto da mata, mas decidimos ir à residência dela, onde meus filhos e os dela passaram um tempo juntos", relatou ao **Correio**. Horas depois, soube que mais de 100 casas tinham sido reduzidas a cinzas.

"Portão do inferno"

Às 20h, ao passar pelo centro de Biscarrosse, Rebecca deparou-se com uma enorme fila de carros. "A região estava completamente congestionada. Fiz uma curva e vi o céu em chamas. Dirigi até minha casa, subi as escadas e, da janela do quarto das minhas filhas, vi um paredão de fogo. Foi uma das coisas mais assustadoras que vi. Parecia o portão do inferno."

Um avião sobrevoava perto de sua casa e despejava água. "Eu fiquei congelada. Liguei para meu pai e meu irmão. Eles me disseram para fugir. Fomos à praia, e as pessoas agiam normalmente, jogando cartas. Minha filha estava cansada e pediu para que voltássemos para casa. Dormimos rapidamente. Ao acordar, percebi que Biscarrosse foi esvaziada e que tínhamos sido deixadas para trás", relatou Rebecca.

Às 7h30 de sexta-feira, uma agente bateu à porta da casa e avisou-lhe que ela e as filhas estavam proibidas de partir. Na noite de ontem, elas permaneciam na residência de férias e esperavam deixar a área na manhã de hoje. (**Rodrigo Craveiro**)

Alain Jocard/AFP

Moradores da área de Bordeaux se abrigam em parque de exposições

» Atropelamento em marcha do orgulho gay

O motorista de uma van branca lançou o veículo contra a multidão reunida para a marcha do orgulho LGBTQIA+ em Berlim, na noite de ontem, deixando pelo menos um morto e 16 feridos. A polícia alemã confirmou que algumas vítimas foram hospitalizadas em estado crítico. O carro entrou no Parque Tiergarten, que fica ao lado od trajeto da parada, e atropelou várias pessoas antes de colidir com uma árvore. O motorista desceu do carro e fugiu a pé. Até o fechamento desta edição, os policiais caçavam "possíveis suspeitos".